

Preservação do meio ambiente¹

*Klaus Brinkbäumer e Ullrich Fichtner**

Gates, Soros e Branson são capazes de criar um mundo melhor? Salvar o planeta costuma ser um hobby praticado pelos ambientalistas radicais e outros românticos. Mas agora isto transformou-se em uma atividade de executivos e bilionários. Pragmáticos como Bill Gates, George Soros e Richard Branson estão se superando em um esforço para salvar o planeta.

Dariamente, a tarefa a ser feita é salvar o planeta. E todos estão a bordo, do Cabo Horn, ponto mais ao sul da América, a Hammerfest, na Noruega, a cidade mais setentrional do mundo; da Sibéria ao Havaí. As questões em pauta são o meio ambiente, a fome e a Aids. E ainda a água, a paz e o lixo. As questões são do tipo tudo ou nada, o monumental e o insignificante. A corrida está transcorrendo entre aqueles atormentados pelo destino do mundo. Alguns sobem ao palco para conferir uma expressão musical às suas preocupações. Outros trabalham isolados para resolver os problemas, grandes e pequenos, que estão afligindo o planeta.

Bill Clinton senta-se em uma sala no 18º andar do Waldorf-Astoria, na Park Avenue, em Nova York. Lá fora, chove. Dentro, jovens assistentes circulam em volta dele, sussurrando e telefonando enquanto trabalham. Clinton está usando uma camisa azul-clara, uma gravata azul-escura e um terno escuro. Ele senta-se ali como se ainda fosse o homem que ocupa a mesa no Salão Oval da Casa Branca, embora a

sua face possa trazer uma expressão um pouco mais leve. Mas Clinton não se encontra mais no Salão Oval. Ele está no Waldorf e diz: "Fazer é melhor do que falar."

Faz agora 90 minutos que a sala de conferência ao lado está repleta de gente. É o Salão Starlight do Waldorf-Astoria, um aposento cheio de colunas e pesadas cortinas. O carpete emite um brilho dourado. O salão é um grande palco para uma grande ópera. E o título dessa produção está pendurado na parede: "Clinton Climate Initiative" ("Iniciativa Climática de Clinton").

"Agora o meu negócio é fazer as coisas", diz Clinton, pouco antes de ser chamado para discursar. É uma sentença surpreendente vinda da boca de um homem que já foi o líder mais poderoso do mundo, uma pessoa que segurou as alavancas do poder durante oito anos. Houve uma época em que Clinton era capaz de desencadear uma guerra e de interrompê-la, se assim decidisse. Ele podia convocar a elite mundial a qualquer momento, dia ou noite. Este homem sentou-se do outro lado

¹ Transcrito do Der Spiegel de 05/08/2007 – Tradução UOL.

* Os autores são jornalistas.

da mesa de negociações com todo mundo: governantes, presidentes de corporações, comandantes militares e ganhadores do Prêmio Nobel. Mas foi só neste exato momento que ele passou a sentir que ingressou no ramo de fazer as coisas.

Atualmente a sua vida tem momentos de ruminação, ocasiões nas quais ele reflete sobre os anos passados na Casa Branca. Em tais momentos, Clinton diz que ele e as pessoas poderosas do globo – ou seja, Clinton e um grupo de outras seis ou sete pessoas – não foram capazes de criar um outro mundo melhor. “Nós simplesmente nos sentamos em volta de uma mesa discutindo a respeito de qual palavra seria acrescentada a um documento e de qual não seria”, diz Clinton. Eles lutaram por palavras. Esses líderes não estavam no “negócio de fazer as coisas”.

Quando deixou a Casa Branca em 2001, ele sentiu que não tinha de fato cumprido a sua verdadeira missão. O mundo estava da mesma forma em que se encontrava quando ele assumiu o cargo. Não era um mundo melhor do que no início do seu governo. Era um mundo pior. Bill Clinton, o aposentado, o homem de recursos independentes, perguntou a si mesmo se, na verdade, ele fracassou na hora de desempenhar o trabalho mais importante da sua vida: fazer uma contribuição verdadeira para salvar o mundo.

E, agora, este é o momento dos holofotes para Clinton, o cidadão do mundo, e ele dirige-se para o Salão Starlight. Prefeitos de várias partes do mundo estão reunidos ali, bem como diretores dos maiores bancos. Também estão presentes presidentes de grandes empresas, pessoas que propõem legislações, causam abalos e exercem influência sobre os fatos.

Clinton sobe em um palanque e começa a falar sobre mudança climática. Ele afirma que

este é um problema global que exige ações locais. Clinton informa aos prefeitos que as cidades, as suas cidades, consomem 75% de toda a energia e produzem 75% de todos os gases causadores do efeito estufa. Ele assegura que pretende modificar tal situação. “É por isso que estou aqui”. E acrescenta: “Podemos modificar as coisas. Não é tão difícil assim.”

A conferência em Nova York está sendo realizado com o objetivo de salvar o planeta – não de cima para baixo, mas da base para o topo. O fator ambiental agregador que norteia a reunião é a iniciativa para promover o isolamento térmico de 950 mil residências em Nova York e, se possível, de todos os prédios em todas as grandes cidades do mundo de forma tão eficiente que “as paredes e as janelas não permitam o vazamento de ar frio no verão ou de ar quente no inverno”, explica Clinton.

Hoje ele fala ao público não como um político armado dos poderes da presidência. Ele aparece perante a platéia apenas como Bill Clinton, o homem comum, o representante de uma fundação com sede no Harlem que fica bem próxima ao Teatro Apollo. A Fundação William J. Clinton lida com questões que considera vitais para o mundo. Ela solicitou a corporações que forneçam medicamentos a preços acessíveis à África e agora pretende agir como um Johnny Day moderno, estendendo um tapete verde pelas cidades do planeta. A fundação recebe financiamento de pessoas como Bill Gates, e o seu chefe é o intermediário entre os endinheirados amigos da humanidade e os pragmáticos salvadores do planeta. Clinton é um homem sem poder oficial. Mas ele continua sendo uma pessoa com muitos contatos, vínculos que permitem que ele tenha ainda mais influência do que certos líderes de governo.

Vejamos, por exemplo, Klaus Wowereit, o prefeito de Berlim que também está sentado

no Waldorf-Astoria porque deseja ser parte da solução, e não do problema. Ele recebe uma longa salva de palmas e um grande abraço de Clinton. Wowereit está radiante, assim como todos os outros presentes no Salão Starlight – o pessoal da Siemens que está emprestando a Clinton a sua tecnologia e *know-how*, ou os diretores de cinco bancos que, juntos, estão contribuindo com US\$ 5 bilhões. E todos parecem estar flutuando em uma nuvem de moralidade, energia e carisma que poucas pessoas conseguem invocar da mesma forma que Clinton.

Examinado de forma objetiva, o seu projeto é uma tentativa de abordar as questões mundiais de baixo para cima, de ligar cidades e vilas, e não países, em uma rede, e fazer com que elas se comprometam com as metas corretas. É quase que como se Clinton, o ex-presidente, tivesse internalizado o *slogan* daqueles mesmos críticos da globalização que não gostam dele e que são mantidos à distância durante as reuniões de cúpula do G8 por legiões de policiais e grandes barricadas: “Pense globalmente, aja localmente.”

Hoje em dia todos estão na mesma página. Todos conhecem o roteiro. Ninguém está à margem, nem mesmo aqueles que nas décadas passadas alimentaram os problemas mundiais. A gigante petrolífera Chevron está neste momento recolhendo as suas propagandas para explicar o que pode fazer pelo futuro. A British Petroleum e a Total fazem doações a revistas para que estas possam publicar propagandas de biocombustíveis. Na revista francesa *Elle*, a Renault coloca as suas botas de combate ecológico, e a Canon, a grande companhia de produtos eletrônicos, aparece como uma recruta na luta do Fundo de Emergência das Nações Unidas para a Infância (Unicef) contra a fome. Ser um salva-vidas global compensa. É uma

função que traz o carimbo da retidão e do “ecologicamente correto”.

Mas não são apenas as companhias que estão ajudando o mundo. Acima de tudo, quem prometeu limpar o planeta foram executivos e bilionários como Bill Gates, George Soros, Richard Branson e Warren Buffet. Um novo tipo de bom samaritano global emergiu. A luta contra a Aids, a pobreza, a poluição e a defesa dos direitos humanos está agora nas mãos de um grupo que, sendo composto de pessoas familiarizadas com os negócios empresariais, sabe como identificar um problema e resolvê-lo. Trabalhar em prol das causas sociais e ambientais não significa mais ficar em uma esquina distribuindo panfletos e murmurando frases confusas. Atualmente, os profissionais estão engajados no projeto de melhoria global. Livres de ideologia e repletos de pragmatismo, eles costuraram redes de comunicações, garantindo, ao mesmo tempo, que todo mundo se envolvesse. Eles aprenderam as lições oferecidas pelas últimas décadas. Esses indivíduos sentem e acreditam que a raça humana, a raça deles, e a Terra estão sendo empurradas para a beira da ruína pela fome e pela pobreza, pelas secas e pelos racionamentos de água, pelo lixo e pela Aids, pelos venenos e pelo gás carbônico.

Esse movimento é sustentado por uma sensação coletiva de que a tarefa de salvar o mundo não pode ser realizada – ou que é feita de forma muito letárgica – por aqueles que estão “lá em cima”, em Washington ou Heiligendamm, ou na sede das Nações Unidas em Nova York. É uma questão que diz respeito à fraqueza dos governos e à força das sociedades. Não se trata apenas de uma questão relativa a fatos incontestáveis. Trata-se também de uma questão de crença: algo precisa ser feito. O ímpeto por trás deste movimento de salvação tem tra-

ços do irracional e do religioso. Eles estão sendo impulsionados pelo desejo de fazer algo. Esta é uma nova fase da globalização. É a esperança do nascimento de uma sociedade civil global que integre gerentes, políticos, cientistas e cidadãos do mundo.

Nas bolsas de valores em Londres, Nova York e Tóquio os analistas punem as companhias que administram os seus negócios de forma hostil à sociedade, insensível ao meio ambiente e desatualizada. As agências de classificação também estão em processo de refazer “sustentavelmente” os seus catálogos de critérios de avaliação. No ano passado, o diretor britânico de fundos de *hedge*, Chris Hohn, injetou 75 milhões de euros na organização de assistência humanitária administrada pela sua mulher. Corporações globais como a Walt Disney, a Ikea, a UPS, a Microsoft e a Wal-Mart estão competindo para determinar quem é capaz de implementar mais ações positivas e lutando para galgar posições nas listas que classificam as empresas segundo indicadores sociais. A cada ano montadoras de automóveis, fábricas de produtos químicos e companhias farmacêuticas aguardam com temor a publicação do livro do ano de sustentabilidade pela firma suíça de investimentos SAM, um catálogo que classifica até 1.200 companhias segundo critérios de sustentabilidade.

Cada vez mais os movimentos de base estão obrigando indústrias inteiras a ceder. Na Suécia, por exemplo, eles relatam que os supermercados do país não vendem mais bacalhau do Mar Báltico. Ativistas do Greenpeace convenceram esses estabelecimentos a deixar de vender bacalhau, um peixe que é pescado em quantidade excessiva na região e que muitas vezes é capturado de forma ilegal. Na Alemanha, esses grupos anunciam que grandes redes de supermercados estão retirando das

prateleiras alimentos saturados de pesticidas. Em toda a Europa eles estão conquistando mercados com produtos feitos com base no comércio justo.

Na Índia, eles impediram a construção de fábricas da Coca-Cola. Na República dos Camarões, cancelaram a importação de vísceras de galinhas da Europa. Na Coreia e na Bolívia, juntaram as suas forças contra as corporações ocidentais do setor de energia. Em Bangladesh e na Argentina, estão encurralando os poluidores do ar. Em Colônia e Nairóbi, têm se livrado de flores contaminadas por toxinas. E na Cidade do Cabo, lutam por água limpa – e o problema, o que realmente confunde, é o fato de tudo estar conectado. As questões de grande peso e as tarefas de pequena dimensão são apenas *pixels* em uma grande fotografia.

E muita coisa está sendo feita com fundo musical. Basta lembrar do festival ambiental *Live Earth*, realizado em julho. Eles dedilharam as suas guitarras, fizeram soar os seus tambores e cantaram os seus hinos em 10 cidades em todo o mundo. Mas o que isso trará de positivo para o Ártico? Para os ursos polares? Para as calotas polares? Quem ousar fazer esse tipo de pergunta será colocado no canto reservado aos céticos. E como toda essa cruzada tem algo de religioso, como trata-se de uma questão de comprar absolvição, da maneira boa e correta de viver, os céticos são desprezados como sendo os novos ateus. O valor dos concertos em dólares e centavos pode representar apenas uma pequena quantia, mas a “pegada de carbono” é gigantesca. Porém, a missão real é outra. Uma missão simbólica: os concertos são tentativas de fortalecer um movimento que, de forma fragmentada, está em andamento há anos; de nomeá-lo; de estabelecer uma linha de partida. É uma tentativa de costurar o velho movimento dos românticos

e moralistas à iniciativa de gerentes, bilionários e pragmáticos.

Durante a maior parte do século XX, quando a raça humana se recuperava dos ferimentos resultantes de guerras mundiais, enquanto se desgastava no conflito Leste-Oeste, cidadãos e políticos se inspiraram na onipotência do governo. As Nações Unidas representaram o sonho de um mundo pacífico e justo que seria criado com a união dos países.

Mas desde que as pessoas perceberam que a ONU tem o hábito de aparecer tarde demais para interferir nas grandes crises políticas, desde que os governos passaram a se locomover pesadamente pelo cenário global como dinossauros estúpidos, e desde que a credibilidade das promessas feitas por indústrias e negócios se esgotou, o “terceiro setor”, o não governamental e não comercial – a sociedade civil –, acorreu do seu estupor.

A mensagem consiste das velhas e orgulhosas questões do passado: Quem, se não nós? Quando, se não agora? Tal mensagem tem um tom bastante diferente daquele ouvido 10, 15 ou 30 anos atrás. Mas ao contrário do que acontecia no passado, agora todos fazem parte da multidão, e ninguém ousa pensar em pisar fora da linha. Em Hollywood, “ser verde” está na moda. Na Côte d’Azur, ser “socialmente responsável” é algo bem visto. A moralidade é agora uma questão de honra em todo o mundo. Como resultado, as grandes esperanças ambientais não residem mais em nomes como Romano Prodi ou Angela Merkel. Em vez disso, elas chamam-se George Clooney e Sharon Stone. Não estão mais vinculadas a nomes como George W. Bush ou Ban Ki Moon, e sim a Elton John, Angelina Jolie, Brad Pitt e Bono.

Algo está em estado de agitação. Uma brisa fresca de interesse no futuro está surgindo, um interesse incontrolável por parte da socie-

dade e das empresas, e não mais das lideranças políticas. Mas essa nova tendência gera novas questões: O que você acha do fato de magnatas como Bill Gates e Warren Buffet despejarem somas vultosas, que equivalem a orçamentos governamentais, sobre os fracos e destituídos do mundo? Será que o conhecimento a respeito da sociedade civil encontrou de fato um lar nas diretorias empresariais do planeta? Será que os compromissos privados em escala mundial são de fato capazes de salvar o mundo? Os comitês de ação dos cidadãos podem de fato mudar o curso dos eventos? Alterar os princípios do mundo empresarial de hoje? Poderiam os cidadãos ter sucesso onde os políticos fracassaram? Ou será que, no fim das contas, os velhos dinossauros ainda são realmente necessários? Os pesos-pesados? Os governos? A ONU?

Pessoas ponderando a possibilidade de uma nova sociedade civil global, a oportunidade de salvar o mundo de uma forma que contorne a trilha já batida precisam atualmente abraçar o verdadeiro significado do termo “conectado”. Para fazer tal coisa, é necessário enfiar a mão em um chapéu e puxar um punhado de exemplos, milhares deles espalhados por todo o planeta. Vejamos o caso de Malawi. Quando os moradores das vilas fazem o seu protesto anual contra o nível cada vez mais alto das águas do Rio Thangadzi, eles não travam a batalha sozinhos, ou com um governo trabalhando ao fundo, sempre de forma benevolente. Em vez disso, travam esta batalha utilizando as táticas “conectadas”.

Grupos que agem de fato arregaçam as mangas. Grupos como as organizações não governamentais globais ActionAid ou Oxfam. Esse é um projeto poliglota em cada uma de suas interfaces: cientistas suecos, sul-africanos ou indianos contribuem por *e-mail* com os seus co-

nhecimentos. Funcionários alemães, britânicos ou chineses do setor de desenvolvimento arcam com o trabalho pesado. E o dinheiro chega, das Nações Unidas, em Nova York, da União Européia, em Bruxelas e de igrejas na Alemanha. Talvez uma companhia belga mande equipamentos. E quem sabe uma empresa francesa forneça água potável. Os norte-americanos cuidarão da infra-estrutura relativa à Internet, e os quenianos se ocuparão da questão da mídia – atualmente o conceito de conexão diz respeito a isso.

Em vários países em desenvolvimento, nos quais um governo funcional jamais firmou raízes, o dia-a-dia sempre foi desta forma. Não existe nenhum tipo de sistema político do tipo europeu. Em vez disso, existem apenas projetos. No lugar de parlamentos e autoridades, as redes da sociedade civil assumem as tarefas. Diversificadas na sua complexidade, essas redes não decidem no topo o que deve acontecer na base. Ao contrário, elas têm que decidir em meio ao trabalho, todos os dias, o que precisa ser feito, quando e por quem.

Sem dúvida a Internet constitui-se em um protagonista crítico neste tipo de política baseada em projetos. Ela gerou novas opções para ação. A Internet gerou interesse em problemas que há apenas alguns anos vazavam pelas fres-

tas do sistema. Além disso, e isto talvez seja algo ainda mais crítico, as pessoas que costumavam procurar em vão umas pelas outras são atualmente capazes de se encontrar. Uma comunidade está surgindo, e essa comunidade usa os *e-mails* e o MySpace para divulgar idéias e promover discussões que se estendem até o outro lado do mundo.

A Internet ajuda a transformar um mundo fragmentado em um mosaico. Ela agrega as pessoas que no fundo fazem parte de um mesmo grupo. Ela é uma fábrica de questões e uma arma que ninguém pode se dar ao luxo de desprezar. Não existe nenhuma grande corporação e nenhum governo capaz de escapar desse escrutínio dos cidadãos baseado na Web. Quem quer que faça uma grande besteira pode esperar ser solidamente colocado em um pelourinho eletrônico por um grupo de supervisores organizados na Internet, surgidos do nada. E isso tem um impacto doméstico, até mesmo na folha de pagamento. A Internet é o meio utilizado pelo novo EMS mundial (EMS é a sigla em inglês de esquadrão de gerenciamento ambiental).

Mas são necessários indivíduos que a recheiem com conteúdo. Ela precisa de pessoas como Bill Clinton, Richard Branson, Angelina Jolie e Laura Ziskin. ☉